

## Veganism: historical aspects

## Veganismo: aspectos históricos

Márcia Pimentel Magalhães<sup>1,2</sup>, José Carlos de Oliveira<sup>1,3</sup>

<sup>1</sup> Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia,  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

<sup>2</sup>Instituto de Nutrição Josué de Castro, Universidade Federal do Rio de Janeiro

<sup>3</sup> Escola Politécnica, Universidade Federal do Rio de Janeiro

marciapimentel.ufrj@gmail.com, [jcarlos@dee.ufrj.br](mailto:jcarlos@dee.ufrj.br)

Recebido: 4/12/2019

Aceito: 8/12/2019

Publicado: 13/12/2019

**Abstract.** *A growing movement in the world, and especially in the West, veganism has been changing the consumption habits of food and clothing, cosmetics, leisure, among others, from both an ethical as well as a moral perspective in recognition of the animal as a sentient being. Born from reflections on animal rights, it currently embraces social aspirations in various areas such as the environment, sustainability, feminism, speciesism, policy and others. This article discusses historical aspects of the trajectory of veganism, as well as perspectives for the future.*

**Keywords:** *Vegan movement . Vegetarianism . Sustainability*

**Resumo.** *Movimento crescente no mundo e, em especial, no ocidente, o veganismo vem modificando hábitos de consumo de alimentos e de produtos de vestuário, cosméticos, lazer, entre outros a partir de uma perspectiva ética e moral em reconhecimento do animal como ser senciente. Nascido a partir de reflexões sobre o direito dos animais, abarca atualmente aspirações sociais em diversas áreas como a do meio ambiente, da sustentabilidade, do feminismo, do especismo, da política e outras. Neste artigo abordam-se aspectos históricos da trajetória do veganismo, bem como perspectivas para o futuro.*

**Palavras-chave:** *Movimento vegano. Vegetarianismo. Sustentabilidade.*

### 1. Introdução

Neste artigo aborda-se um corte histórico sobre veganismo, a partir dos primeiros movimentos que influenciaram a busca pelos direitos dos animais. Apresentaremos os marcos da criação das nomenclaturas e principais órgãos representativos do veganismo

no Brasil e no mundo. Caracterizaremos o que motiva o movimento e as pautas relacionadas e as perspectivas para o futuro.

Segundo Engels (1820-1895) o consumo de carne foi necessário para o desenvolvimento do cérebro humano, a tal ponto que propiciou sua diferenciação do macaco ao longo de milhares de anos (Portal Vermelho, 2009). A produção de animais para o arado na agricultura, transporte e para o consumo esta associada a história humana, desde os grupos nômades, passando pelo estabelecimento das civilizações até os dias atuais. No entanto, a partir da revolução industrial, a utilização de animais na produção de artigos alimentares em grande escala ganhou novos contornos e usos ampliados para além das necessidades nutricionais e de artigos para vestimentas, tratando-se de atender ao capitalismo em diversos segmentos.

Em razão de todos os recursos do meio ambiente que são mobilizados para a produção industrial, a sociedade, os cientistas, as entidades de organizações não governamentais e outros setores sociais vêm alertando para a insustentabilidade do modo de produção e de consumo para as próximas décadas e as próximas gerações, apontando para um colapso na manutenção da vida e do planeta.

## 2. Histórico sobre o veganismo

No final do século XVIII ocorreu um movimento vegetariano promovido por médicos, comerciantes e escritores de religiões diversas e de estrutura econômica média. Segundo Keith Thomas, os envolvidos foram influenciados por leituras de Pitágoras, Plutarco e outros filósofos e para o autor “por volta de 1700, já contamos com todos os argumentos fundamentais [dos direitos animais] que depois se destacarão”. Na época, observavam-se opiniões de que o abate de animais brutalizava o caráter humano de modo a torná-lo cruel ao causar sofrimentos para criaturas “irmãs” (FERRIGNO, 2012).

No século XIX, em 1809, o Dr. William Lambe (1765-1847) escreveu livros a respeito do vegetarianismo estrito e de seus benefícios relacionando-os ao tratamento de câncer hepático, do estômago e doenças crônicas. Ocorre em 1847, a fundação da Sociedade Vegetariana (*The Vegetarian Society*) em *Northwood Villa, Ramsgate, Kent* na Inglaterra, tendo sua sede transferida para Manchester, em 1849, quando da publicação do primeiro periódico "*The Vegetarian Messenger*" (WIKI, 2019).

No século XX, ocorre a fundação da Sociedade Vegana em 1944. Donald Watson (1910-2005) formou um grupo denominado “Grupo dos produtos não lácteos”, lançando em 1944 seu próprio jornal “*The Vegan News*” a Sociedade Vegana em 1945. Leslie J. Cross, em 1949, achava que a sociedade carecia de uma definição mais ligada aos "direitos animais", desse modo designou com os membros “o princípio da emancipação dos animais da exploração pelo homem”, o que evoluiu posteriormente para: “buscar o fim do uso de animais pelo homem para alimentação, mercadorias, trabalho, caça, vivissecção e quaisquer outros usos envolvendo a exploração da vida animal pelo homem”. Na década de 1970, cresce do movimento de libertação animal, inspirados na percepção gradual de sensibilidade em relação aos animais e à natureza, retratada por Keith Thomas no contexto inglês, que foi o berço do movimento, ao longo dos séculos XV ao XVIII (FERRIGNO, 2012).

### **3. Caracterização do movimento vegano**

O veganismo pode ser definido como conjunto de práticas que tem como objetivo inicial os Direitos dos Animais e, diante disso, tem-se a adoção de alimentação vegetariana estrita. Os veganos propõem como base ética que os animais não humanos são seres sencientes e não devem ser utilizados como propriedade ou para finalidades de produção ou matéria-prima para qualquer etapa de seu desenvolvimento, ou mesmo que sejam utilizados para teste de produtos de qualquer natureza. Conforme a Declaração de Cambridge sobre a Consciência em Humanos e não Humanos os animais têm consciência semelhante à humana, sendo incorreto distingui-los dos seres humanos como "animais irracionais" (PHILIP et al., 2012). O filósofo Peter Albert Singer, autor do livro *Libertação Animal* de 1975, tornou-se um referencial no direito dos animais, que até então era abordado na esfera jurídica.

### **4. Veganismo no Brasil e no mundo**

No Brasil, a primeira iniciativa de fundar uma Sociedade Vegetariana surgiu em 1921, porém não houve continuidade, em 2003 ocorreu a fundação da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB), que é uma organização sem fins lucrativos, que promove a alimentação vegetariana como uma escolha ética, saudável, sustentável e socialmente justa. A SVB também foi reconhecida pela Animal Charity Evaluators como uma das ONGs mais eficazes do mundo. Entre seus objetivos, consta a promoção do vegetarianismo estrito em todos os seus aspectos, incluindo o ético, o ecológico e o de saúde (SVB, 2019).

No Brasil, 14% da população se declara vegetariana, segundo pesquisa do IBOPE Inteligência (IBOPE, 2018). Nas regiões metropolitanas de São Paulo, Curitiba, Recife e Rio de Janeiro este percentual sobe para 16%. A estatística representa um crescimento de 75% em relação a 2012, quando a mesma pesquisa indicou que a proporção da população brasileira nas regiões metropolitanas que se declarava vegetariana era de 8%. Hoje, isto representa quase 30 milhões de brasileiros que se declaram adeptos a esta opção alimentar.

De acordo com a SVB, não há pesquisa no Brasil sobre o número de veganos. Conforme dados internacionais, nos EUA, cerca de 50% dos vegetarianos (16 milhões de pessoas) se declararam veganos em pesquisa recente do Instituto *Harris Interactive*; no Reino Unido, cerca de 33% dos vegetarianos (1,68 milhão de pessoas) se declararam veganos (Ipsos MORI Institute, 2019). No Reino Unido, houve crescimento de 360% no número de veganos no país na última década (2005-2015). Nos Estados Unidos, o número de veganos dobrou em 6 anos (2009-2015).

### **5. Pautas relacionadas ao veganismo**

O veganismo abarca diversos temas, neste artigo abordaremos os direitos dos animais, sustentabilidade, meio ambiente, alimentação, feminismo relacionados ao veganismo.

## 5.1. Direito dos animais

Ao longo da história humana, a produção de animais para a alimentação foi considerada necessária para o bem da humanidade. A utilização de animais para o arado na agricultura, o transporte e para o consumo esta associado a história humana, desde os grupos nômades, passando pelo estabelecimento das civilizações até os dias atuais. No entanto, a partir da revolução industrial, a utilização de animais na produção de alimentos passou a ser feita em grande escala e ganhou novos contornos com seus usos ampliados para além das necessidades nutricionais e de artigos para vestimentas, atendendo ao capitalismo estabelecido.

Em 1789, Jonh Lawrence propôs que os direitos dos animais deveriam ser reconhecidos pelo Estado – embora a ideia de direito fosse compreendida relativamente à proteção à dor física. Posteriormente, a preocupação com a forma de se tratar os animais foi expressa na criação de entidades protetoras dos animais. Foram exemplos a SPCA (*Society for the Prevention of Cruelty to Animals*) criada em 1824, que ainda hoje é uma importante referência (e desde 1866 possui sede nos EUA), e em 1866 foi fundada a *Society for the Protection of Animals Liable to Vivisection*, pela feminista irlandesa Frances Power Cobbe, (posteriormente se tornou a *National AntiVivisseccion Society*, na qual os membros já se opunham ao uso de animais para fins científicos) (FERRIGNO, 2012)

O movimento de libertação animal, no qual se insere o veganismo, teve inspiração a partir de série de movimentos de contracultura originados nos anos 1960 e 70. Segundo CASTELLS (1999, p. 142 *apud* BATISTA DO NASCIMENTO). Nesse período, na maior parte do mundo, surgiu o movimento ambientalista multifacetado, principalmente nos Estados Unidos e norte da Europa propondo uma reversão drástica das formas pelas quais pensamos na relação entre economia, sociedade e natureza.

A preocupação com os animais e as reivindicações advindas da sociedade civil e de grupos em defesa dos animais contribuiu para a formulação da Declaração Universal dos Direitos dos Animais proclamada pela UNESCO em sessão realizada em Bruxelas, em 27 de janeiro de 1978 (UNESCO, 2019)

O uso científico de animais, tal como o processo de industrialização de suas carnes, pode ter sido possível a partir de uma relação quase exclusivamente utilitária (por vezes mercadológica, por vezes em nome do avanço da ciência – e muitas vezes as duas razões estão juntas) em relação a natureza e as espécies animais – aquilo que posteriormente uma consciência ecológica, do final do século XX, condenará. (FERRIGNO, 2012)

## 4.2. Alimentação

O movimento vegano relacionava-se a supressão completa do consumo de produtos de origem animal (carnes, peixes, leite e derivados, mel, ovos) para a alimentação, bem como daquilo que fosse produzido a partir da exploração de animais como vestuário (peles, couro, lã, seda), cosméticos, medicamentos, lazer (circo, aquários, parques, zoológicos) ou mesmo de produtos que fossem testados em animais. Nos dias atuais, a filósofa Sonia T. Felipe define ética na alimentação “como um projeto humano de buscar um princípio moral não relativo, aplicável à ação de comer, que possa ser aceito

como válido por indivíduos formados moralmente em diferentes padrões culturais”. Deste modo, um dos princípios do veganismo é a busca de uma ética na alimentação (BATISTA DO NASCIMENTO e SILVA D., 2012).

Com frequência se identifica o vegano como o indivíduo que não consome produtos de origem animal, no entanto, o movimento relaciona-se a supressão completa do consumo de produtos de origem animal (carnes, peixes, leite e derivados, mel, ovos) para a alimentação, bem como daquilo que seja produzido a partir da exploração de animais como vestuário (peles, couro, lã, seda), cosméticos, medicamentos, lazer (circo, aquários, parques, zoológicos) ou mesmo de produtos que foram testados em animais (ARGOLO, 2008).

Em 1998, *The New Vegetarians* Paul R. Amato e Sonia A. Partridge subdividem o grupo vegetariano em: “(1) Ovo-lacto-vegetarianos, consomem ovos e laticínios, menos carne; (2) lacto-vegetarianos, consomem laticínios, mas não ovos e carnes; (3) ovo-vegetarianos, comem ovos mas não laticínios e carnes; (4) veganos, não comem carnes, laticínios e ovos (e geralmente também não usam mel); (5) vegetarianos macrobióticos, vivem de grãos integrais, vegetais marinhos e do solo, leguminosas e missô (uma pasta altamente proteica feita de grãos e soja fermentados); (6) higienistas naturalistas, comem alimentos vegetais, combinam alimentos, e praticam jejuns periódicos; (7) crudívoros, comem apenas alimentos crus de origem vegetal; (8) frugívoros, consomem frutas, nozes, sementes e certos vegetais; e (9) semivegetarianos, incluem pequenas porções de peixe e ou frango em sua dieta (BATISTA DO NASCIMENTO; SILVA, 2012).

### 4.3. Sustentabilidade

Na pauta da sustentabilidade, especialistas defendem que o consumo de animais na escala de produção atual é desastrosa para o meio ambiente. Devido ao espaço utilizado, a quantidade de água e grãos para a alimentação na criação dos animais.

Devido ao amplo uso de animais na produção foram necessários a utilização de vastas áreas terrestres e aquáticas para disponibilizar recursos para atender a indústria. Estima-se que são mobilizados atualmente cerca de 70 bilhões de animais por ano para atender as demandas de mercado de alimentos (ONU, 2019). O impacto ambiental para a manutenção destes animais dá-se pelo elevado consumo de água, de espaço e de alimentos, em especial, de soja. Entre os impactos apontados por efeitos no meio ambiente há a queima de áreas para cultivo de soja e para pastos, a elevada produção de metano pelo gado, que tem efeito na produção de gases do efeito estufa, principal responsável pelo aumento da temperatura do planeta.

Em função das pautas de mobilização pelo meio ambiente e devido, em especial, às mudanças climáticas, a sociedade vem questionando os hábitos de consumo, que são apontados como as principais causas para o aquecimento global. O consumo não refere-se apenas ao individual ou familiar, mas principalmente, ao industrial e ao da cadeia de produção de alimentos.

O Brasil é o quinto maior país do mundo em território, com 8,5 milhões de km<sup>2</sup> de extensão, com cerca de 20% da sua área (164,96 milhões de hectares) ocupada por pastagens. A década de 2000 foi marcada pela consolidação do Brasil como potência na

produção e exportação de carne bovina, sendo que assumiu a primeira colocação dentre os exportadores em 2004.

No ano de 2018 foi registrado um crescimento de 6,9% no número de abates, que chegou a 44,23 milhões de cabeças. Dessa forma, também houve crescimento no volume de carne bovina produzida, com um total de 10,96 milhões de toneladas equivalente carcaça (TEC), 12,8% acima de 2017. Desse total, 20,1% foi exportada e 79,6% foi destinada ao mercado interno, responsável por um consumo per capita de 42,12kg/ano. (ABIEC, 2019)

#### **4.4. Política**

O ativismo pela causa vegana foi inspirado a partir da publicação do livro de Peter Singer, *Ética em Ação* de 1998. Os grupos internacionais com ativismo reconhecido são o *People for the Ethical Treatment of Animals* (PETA), fundado por Grid Newkirk e Alex Pacheco, em 1980 e o *Animal Liberation Front* (ALF) fundado por Ronnie Lee e Cliff Goodman, em 1972. O PETA ganhou notoriedade, em 1981, devido a denúncia a polícia de maus tratos a macacos em um instituto de pesquisa em Silver Spring nos EUA. O caso foi julgado pela suprema corte americana, e resultou em uma emenda ao ato do bem-estar animal em 1985. O ALF, grupo de ativistas dos direitos animais tem atuação direta na libertação animal, resgates de animais, boicote econômico à experimentação de animais, ao vestuário e alimentos produzidos a partir de animais.

#### **4.5. Feminismo**

Autoras pelo mundo vêm tratando o tema da relação do carnismo e a dominância masculina, como apresentado por Carol Adams no livro “A política Sexual da Carne”. A autora propõe a análise das ligações entre feminismo e vegetarianismo e patriarcado e o consumo de carne. A abordagem trata de como a teoria feminista é importante para entender como as opressões estão interligadas, faz uma relação entre o consumo literal dos animais e de como as mulheres são consumidas, visualmente, pelo acesso visual de seus corpos. Ainda aborda como os animais tornam-se coisas a serviço dos prazeres carnis. (LESSA; CAMARGO, 2014)

#### **4.6. Especismo**

De acordo com Richard Ryder, em 1970: o especismo pode ser definido como qualquer forma de discriminação praticada pelos seres humanos contra outras espécies. Como o racismo ou o sexismo, o especismo é uma forma de preconceito que se baseia em aparências externas, físicas etc. A simples constatação de uma diferença é usada como um pretexto ou motivo para a não aplicação do princípio ético da igualdade, entendida como igual consideração de interesse. No entanto, os pretextos que supostamente justificariam essa discriminação não procedem. Na ética utilitarista, ser passível de sofrimento é a característica que diferencia os seres que têm interesses – os quais deveríamos considerar – dos que não os têm. A condição de “senciente” (capacidade de sofrer ou experimentar prazer ou felicidade) é, portanto, suficiente para que um ser vivo seja considerado dentro da esfera da igual consideração de interesses. A crítica ao especismo é elucidativa para repensarmos atitudes nossas tão arraigadas como saborear a carne de um animal, um interesse muito pequeno quando comparado à vontade de viver daquele animal (SINGER, 1998). Outras expressões comuns do especismo são: o



uso de peças de vestuário cujas matérias-primas são provenientes de animais; a vivissecção – a realização de operações ou estudos em animais vivos para a observação de determinados fenômenos – bem como o uso de animais como ferramentas de ensino; o uso de animais em práticas ditas esportivas ou de diversão; os jardins zoológicos e outras (BRUGGER, 2009).

## 5. Perspectivas para o Futuro.

O veganismo é um poderoso vetor de mudança rumo a uma ética ecocêntrica. E a dieta vegana, em escala planetária, promoveria o resgate e a manutenção das diversidades gen(éticas) de uma forma muito mais eficiente do que quaisquer atividades e projetos que hoje visem essa finalidade, além de contemplar outras dimensões imprescindíveis para se alcançar a sustentabilidade (BRUGGER, 2009).

## Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## Referências

ABIEC. BeefREPORT Perfil da Pecuária no Brasil. Disponível em: <http://www.abiec.com.br/control/uploads/arquivos/sumario2019portugues.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019

BRUGGER, P. Nós e os outros animais: especismo, veganismo e educação ambiental. Linhas Críticas, vol. 15, núm. 29, julho-diciembre, 2009, pp. 197-214 Universidade de Brasília, Brasil.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DOS ANIMAIS. (27 de janeiro de 1978). Bélgica, Bruxelas. Disponível em: <http://www.urca.br/ceua/arquivos/Os%20direitos%20dos%20animais%20UNESCO.pdf> Acesso em: 24 nov. 2019.

ENGES, F. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem, 1876. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm> Portal Vermelho. Acesso em: 20 Nov. 2019.

FERRIGNO, M. Veganismo e libertação animal: um estudo etnográfico. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2012.  
Ipsos MORI Institute. Disponível em <https://www.svb.org.br/vegetarianismo1/mercado-vegetariano>. Acesso em 20 Nov. 2019.

LESSA, P.; CAMARGO, M. Uma teoria feminista-vegana: a política sexual da carne. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 382-384, Apr. 2014. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2014000100026&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2014000100026&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 24 Nov. 2019.

BATISTA DO NASCIMENTO, J.; SILVA, V.G. **Veganismo: em defesa de uma ética na relação entre humanos e animais.** *Caos – Revista Eletrônica de Ciências sociais.* v. 21, p. 73 – 90, 2012.

ONU. ONU alerta que a humanidade precisará consumir menos carne: entenda Relatório Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2019/08/onu-alerta-que-humanidade-precisara-consumir-menos-carne-entenda.html>. Acessado em: 24 nov. 2019

IBOPE. Pesquisa do IBOPE aponta crescimento histórico no número de vegetarianos no Brasil. Disponível em: <https://www.svb.org.br/2469-pesquisa-do-ibope-aponta-crescimento-historico-no-numero-de-vegetarianos-no-brasil>. Acesso em: 20 nov.2019.

PHILIP, L., PANKSEPP, J.; REISS, D.; EDELMAN, D.; VAN SWINDEREN, B.; LOW, P.; KOCH, C., ed. **The Cambridge Declaration on Consciousness.** Francis Crick Memorial Conference on Consciousness in Human and non-Human Animal. Churchill College, Cambridge, Reino Unido, 2012. Disponível em: <http://fcmconference.org/>. Acessado em: 24 nov. 2019.

SVB. Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB). Disponível em: <https://www.svb.org.br/svb/quem-somos>. Acessado em: 20 Nov. 2019.

LAMBE, W. *Reports on the effects of a peculiar regimen on scirrhus tumours and cancerous ulcers.* London: J. MCreery , J. Mawman. 192 páginas, 1809. Citado em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Veganismo#cite\\_note-1](https://pt.wikipedia.org/wiki/Veganismo#cite_note-1). Último acesso em 25 Nov. 2019.